

FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ  
CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA

ANA BEATRIZ AZEVEDO DE ALENCAR  
JUDITH SORAIA SAMPAIO DE LIMA

**A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FAMILIAR E OS IMPACTOS CAUSADOS NA  
SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

MOSSORÓ  
2024

ANA BEATRIZ AZEVEDO DE ALENCAR  
JUDITH SORAIA SAMPAIO DE LIMA

**A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FAMILIAR E OS IMPACTOS CAUSADOS NA  
SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Artigo Científico apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Orientador(a):** Profa. Dra. Laura Amélia Fernandes Barreto.

MOSSORÓ  
2024

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.  
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

A368d Alencar, Ana Beatriz Azevedo de.

A dependência emocional familiar e os impactos causados na saúde mental de adolescentes: uma revisão de literatura. / Ana Beatriz Azevedo de Alencar; Judith Soraia Sampaio de Lima. – Mossoró, 2024.

27 f.:il.

Orientadora: Profa. Dr. Laura Amélia Fernandes Barreto.

Artigo científico (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Família. 2. Adolescência. 3. Dependência. I. Lima, Judith Soraia Sampaio de. II. Barreto, Laura Amélia Fernandes. III. Título.

CDU 159.9

ANA BEATRIZ AZEVEDO DE ALENCAR  
JUDITH SORAIA SAMPAIO DE LIMA

**A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FAMILIAR E OS IMPACTOS CAUSADOS NA  
SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES**

Artigo Científico apresentado a Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Laura Amélia Fernandes Barreto – Orientadora  
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

---

Profa. Esp. Izabelly Paullini Bezerra do Nascimento – Avaliadora  
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

---

Profa. Ma. Marília de Freitas Lima – Avaliadora  
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

**A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FAMILIAR E OS IMPACTOS  
CAUSADOS NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: UMA  
REVISÃO DE LITERATURA**

**FAMILY EMOTIONAL DEPENDENCE AND THE IMPACTS CAUSED  
ON THE MENTAL HEALTH OF ADOLESCENTS: A LITERATURE  
REVIEW**

**ANA BEATRIZ AZEVEDO DE ALENCAR  
JUDITH SORAIA SAMPAIO DE LIMA**

**RESUMO**

Desde os tempos mais antigos, percebe-se que os sujeitos são influenciados e influenciam dentro de seus relacionamentos, dentre eles está a família, sendo esta o primeiro âmbito de socialização de crianças e adolescentes. É por meio dela que o indivíduo vai vivenciar suas primeiras experiências e entender como suas demais relações funcionam. É o meio familiar, ainda, que vai exercer influência na elaboração e organização da personalidade e comportamentos dos indivíduos. Para tanto, este trabalho teve como objetivo avaliar a dependência emocional familiar e os impactos causados na saúde mental dos adolescentes. Essa pesquisa se tratou de uma revisão integrativa da literatura, que pode ser conceituada como um método que proporciona a síntese de conhecimento e a integração de resultados de estudos na prática. Sendo assim, a pesquisa foi realizada através de artigos publicados nos últimos 15 anos, isto é, entre 2008 e 2023, por meio das bases de dados científicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), e operacionalizada através do cruzamento dos descritores “Dependência Emocional”, “Adolescência”, “Família” e “Dependência Familiar”, articulados por meio do operador booleano “AND”. A adolescência, classificada como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, é marcada por uma série de desafios como independência dos pais, formação da identidade, mudanças físicas e psicológicas. Durante essa fase, os conflitos entre pais e filhos são comuns devido à busca de autonomia pelos jovens, o que muitas vezes é mal interpretado pelos pais, resultando em dificuldades de comunicação e no desafio de reestruturar a dinâmica familiar para atender às necessidades dos adolescentes. Deste modo, destaca-se que uma estrutura familiar adaptativa e equilibrada é essencial para influenciar positivamente o crescimento dos jovens. Em contrapartida, a dependência emocional quando presente em relações familiares, pode prejudicar o desenvolvimento saudável dos indivíduos, gerando vínculos de apego inseguro e dificultando a diferenciação do self. Isso posto, com base nos resultados da pesquisa, foi evidenciado que práticas parentais associadas à superproteção e à consequente dependência emocional familiar estão correlacionadas.

**Palavras-chave:** Família. Adolescência. Dependência.

**ABSTRACT**

Since ancient times, it has been seen that individuals are influenced and influence their relationships, including the family, which is the first area of socialization for children and adolescents. It is through this that the individual will experience their first experiences and understand how their other relationships work. It is the family environment that will influence the development and organization of individuals' personalities and behaviors. To this end, this work aimed to evaluate family emotional dependence and the impacts caused on the mental health of adolescents. This research was an integrative literature review, which can be conceptualized as a method that provides the synthesis of knowledge and the integration of study results into practice. Therefore, the research was carried out through articles published in the last 15 years, that is, between 2008 and 2023, through the scientific databases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), and operationalized through the crossing of the descriptors “Emotional Dependence”, “Adolescence”, “Family” and “Family Dependence”, articulated using the Boolean operator “AND”. Adolescence, classified as a transition phase between childhood and adulthood, is marked by a series of challenges such as independence from parents, identity formation, physical and psychological changes. During this phase, conflicts between parents and children are common due to young people's search for autonomy, which is often misinterpreted by parents, resulting in communication difficulties and the challenge of restructuring family dynamics to meet the needs of teenagers. Therefore, it is highlighted that an adaptive and balanced family structure is essential to positively influence the growth of young people. On the other hand, emotional dependence, when present in family relationships, can harm the healthy development of individuals, generating insecure attachment bonds and making it difficult to differentiate the self. That said, based on the research results, it was evident that parental practices associated with overprotection and consequent family emotional dependence are correlated.

**KEYWORDS:** Family. Adolescence. Dependency.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais antigos, percebe-se que os sujeitos são influenciados e influenciam dentro de seus relacionamentos, dentre eles está a família, sendo esta o primeiro âmbito de socialização de crianças e adolescentes. É por meio dela que o indivíduo vai vivenciar suas primeiras experiências e entender como suas demais relações funcionam. É o meio familiar, ainda, que vai exercer influência na elaboração e organização da personalidade e comportamentos dos indivíduos.<sup>1</sup>

Conforme Rogers<sup>2</sup> (1992) abordou em sua teoria, cada indivíduo tem o próprio plano de experiência, ou como é chamado pelo autor, um campo fenomenológico no qual está incluído tudo aquilo que é vivenciado pelo organismo. O *self* é este campo experimentado pelo sujeito, em que ele constrói uma percepção e conceito de si mesmo que é estimulado a partir de demandas internas e externas.

É na infância que o sujeito vai perceber a diferença entre as ações e os sentimentos

que são aceitos ou não por seus pais, assim a criança vai precisar desse retorno para a formação do *self*<sup>2</sup>. Posto isso, de acordo com Scartezini *et al.* (2013)<sup>3</sup>, mesmo aquelas experiências que o sujeito entenda que faz parte do seu autoconceito, quando reprovadas por seus pais, eles acabam descartando para obter a aprovação, o que leva-o a entrar em conflito consigo mesmo, visto que, ele não se permite fazer o que sente e deseja.

O processo que torna o sujeito autônomo é a separação-individação, ou seja, a diferenciação que ele faz de sua família de origem, onde este desenvolvimento costuma acontecer entre o primeiro e o terceiro ano de vida, na infância. Além disso, são as experiências vivenciadas no seio familiar que vão definir se esta individuação ocorrerá de forma mais tranquila ou não, podendo assim causar prejuízos ao chegar na vida adulta.<sup>4</sup>

O ambiente familiar pode influenciar de forma negativa ou positiva no desenvolvimento do indivíduo, quando o convívio familiar é manifestado de forma segura, e ocorre um equilíbrio entre proteger de forma excessiva e a falta de cuidado, é esperado que este indivíduo consiga se diferenciar em suas relações, de modo que, sua capacidade de autonomia, julgamento e tomada de decisões não sejam prejudicadas.<sup>1</sup>

Sendo assim, compreende-se que o seio familiar, possui uma parcela significativa nas fases de desenvolvimento dos seus filhos, bem como, no que tange aos impactos causados na adolescência. Esta fase, é repleta de transformações, desde físicas, marcadas pela mudança visível do corpo, até emocionais. Logo, é comum que essa transição seja repleta de conflitos resultantes da estruturação da identidade, visto que, surge carregada de novos elementos que antes eram desconhecidos por eles.<sup>5</sup>

Deste modo, a psicologia entende a adolescência, como um estágio repleto de aspectos não naturais, ou seja, considera a subjetividade existente em cada vivência durante esse período, trazendo à tona o entendimento de várias possibilidades de adolescência, onde cada processo será construído de forma distinta de um sujeito para outro, e que, as influências responsáveis para a construção desta prática, se ligam diretamente ao contexto no qual o adolescente está inserido.<sup>6</sup>

Por isso, esta fase é conhecida por fase intermediária que está entre a infância e a vida adulta, sendo reconhecida por diferentes fatores, entre eles, a busca pela autonomia. Diante disso, o indivíduo passa a enfrentar algumas problemáticas instáveis em suas relações mais íntimas de convívio. Dentre as quais se destacam, medo, aflição e insegurança, o que torna evidente a importância do acolhimento de maneira adaptativa partindo da família ao adolescente, durante este novo ciclo.<sup>7</sup>

Quando o sujeito é influenciado em seu contexto familiar por meio de uma

configuração desadaptativa, tal como a superproteção por parte dos pais, passa a repercutir significativamente no processo de desenvolvimento do adolescente<sup>1</sup>. À vista disso, a questão problema desta pesquisa é, sob que circunstâncias são causados impactos à saúde mental dos adolescentes resultante da dependência emocional familiar?

Deste modo, entende-se que a família exerce um papel de contato primário em suas relações, especificamente, durante o período da infância e a transição para a fase da adolescência, onde ocorre os mais diversos tipos de influência no processo de construção do autoconceito.<sup>1</sup> À vista disso, é possível que se encontre evidências associadas ao processo de uma estruturação familiar desadaptativa envolvendo a dependência emocional, que atravesse o sujeito e o impacte negativamente na etapa da busca pela independência e autonomia.

Em contrapartida, também é possível que não haja indicações que o contexto familiar quando constituído a partir de uma estrutura desadaptativa, que através do excesso de cuidado com os adolescentes, acarretem danos psíquicos na vivência dos mesmos.

Isto posto, a inspiração para a formulação deste trabalho surgiu a partir da identificação com o tema da dependência emocional familiar e seus impactos causados na saúde mental de adolescentes, além de, exercer relevância quando se trata de estudos voltados para o desenvolvimento de adolescentes e as relações familiares. Para mais, por não se tratar de um tema discutido com frequência atualmente, as pesquisas voltadas para essa temática ainda são insuficientes.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo avaliar a dependência emocional familiar e os impactos causados na saúde mental dos adolescentes através de uma revisão de literatura.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ADOLESCÊNCIA E AMADURECIMENTO DO SUJEITO**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 13 de julho de 1990, é o principal documento regulador do Brasil referente à garantia de direitos durante o período da infância e adolescência. O ECA incluiu diversas inovações sugeridas na Convenção referente aos Direitos da Criança das Nações Unidas, trazendo ampliações para efetivação do Artigo 277 da Constituição Federal, o qual estabeleceu direitos essenciais para crianças e adolescentes. À vista disso, o ECA considera a adolescência como um período que se inicia a partir dos 12 anos e se estende até os 18 anos, onde a partir disso, o sujeito



atravessa a maioridade.<sup>8</sup>

A adolescência é definida como um estágio da vida, que se classifica como uma fase intermediária entre a infância e a idade adulta, apresentando aspectos distintos e singulares. Durante essa fase, o adolescente passa a enfrentar uma série de desafios que emergem durante o desenvolvimento, incluindo a independência dos pais, a formação da própria identidade, a adaptação à mudança em seu corpo infantil e a procura de novas figuras de identificação que perpassam o círculo familiar. Desse modo, podem surgir dificuldades tanto para o jovem quanto para seus pais e outras pessoas em seu meio de convívio próximo.<sup>9</sup>

Este ciclo do desenvolvimento, é amplamente caracterizado por elementos que ocasionam diversas mudanças, tais como: fases de incerteza ao longo da transição da infância para uma adolescência com maturidade; o início do processo pela escolha profissional; a busca por independência; o início de uma vida sexual; desentendimentos familiares que afetam o psíquico, as alterações no corpo e oscilações hormonais, ligadas a uma nova visão de mundo que se vincula diretamente com a necessidade de desempenhar novos papéis e exercer novas responsabilidades enquanto sujeitos e parte da sociedade, objetivando adquirir autonomia, para que então possa redefinir o seu processo de construção da identidade, desvinculando-se das opiniões dos seus pais e buscando o seu autoconceito.<sup>4</sup>

Diante das inúmeras concepções de adolescência, Outeiral (1994)<sup>10</sup> aponta a palavra adolescência como "olescer" (crescer), que denota o modo como se dá o desenvolvimento experimentado pelo indivíduo, e "adolescer", que tem sua origem na palavra adoeecer. Ambos os termos e a sua definição trazem à tona a reflexão sobre o viver a adolescência. Portanto, compreende-se este ciclo, por um lado, como uma predisposição para o crescimento que abrange aspectos tanto físicos quanto psicológicos, e todo o processo de vulnerabilidade decorrente destas mudanças que afetam o indivíduo a longo prazo e como um todo.

Ocorrerão, durante esse período, episódios de grande alternância entre dependência e autonomia. Visto que, a partir destes momentos, observa-se conflitos de identidade, onde o adolescente, por vezes, não consegue compreender a sua função de ser-no-mundo, que oscila entre o papel de ser criança e adulto. Além disso, diante do processo intermediário entre as fases citadas, o jovem passa a experienciar fases de alta dependência dos pais, já em outras situações demonstram competência na tomada de decisão.<sup>11</sup>

## 2.2 ESTRUTURA E FUNÇÃO DA FAMÍLIA

A família ocupa um lugar essencial na vida dos indivíduos, sendo na maioria das vezes o seu primeiro grupo social de pertencimento, no qual, além de exercer uma grande influência sobre suas vidas, está em constante interação. Assim, é fundamental as ações realizadas e vivenciadas neste meio, visto que é a partir dele que o sujeito irá construir sua personalidade e organizar seus comportamentos individuais.<sup>7</sup>

É notável que existe um impasse quando se trata da definição do conceito de família, isso porque cada vez mais se observa uma grande variedade de estruturas familiares. Por isso, essas mudanças que vêm ocorrendo durante todo o período histórico acabam por dificultar que se tenha um único conceito capaz de abranger todas essas complexidades.<sup>12</sup> Do ponto de vista de Wagner (2011)<sup>13</sup>, ao falar de configuração familiar, refere-se aqueles indivíduos que juntos constituem determinado meio familiar, esse conceito se torna fundamental para apreender seu funcionamento.

Dessa maneira, a família passa por uma transformação significativa em sua função social, especialmente ao longo do século XIX e que perpassa os dias atuais. Emergem, assim, novas formas de configuração familiar, envolvendo grupos que frequentam o mesmo espaço físico ou, no mínimo, mantêm uma proximidade significativa. Ainda, estes novos arranjos familiares estão longe de serem considerados instituições estáticas, estando sempre sujeitos a evoluções e transformações constantes.<sup>14</sup>

Segundo Felipini (2009)<sup>15</sup>, às mudanças nas condições que afetaram a família ao longo dos séculos englobam aspectos demográficos, ideológicos, legais e econômicos, cada um com suas particularidades. A estruturação familiar vai exercer uma influência substancial no crescimento e na formação das pessoas. Sendo, um sistema influente na socialização capaz de promover um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.<sup>16</sup> Consoante a isso, Silva e Dessen (2003)<sup>17</sup> afirmam:

As interações estabelecidas no microsistema família são as que trazem implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança, embora outros sistemas sociais (Ex.: escola, local de trabalho dos genitores, clube) também contribuam para o seu desenvolvimento (p. 503).

É dentro desse ambiente que a criança inicialmente se depara com os primeiros "outros" e, por meio dessa interação, ela começa a aprender a maneira humana de viver no mundo. O seu universo ganha um significado e, assim, ela começa a se desenvolver como um sujeito. Essa formação ocorre através de uma troca intersubjetiva, que é construída na base da afetividade, e representa o primeiro ponto de referência para a formação de sua

identidade.<sup>18</sup>

À face do exposto, existem diferentes formas pelas quais essas intervenções possam acontecer. Como por exemplo, quanto aos efeitos que os fatores de risco e proteção presentes nessa instituição podem exercer. Esses aspectos caracterizam-se por, interação entre pais e filhos, apoio social, maturidade dos pais, nível educacional e status socioeconômico, desafios na aprendizagem e comportamentais, habilidades educativas parentais, situação de desemprego, violência doméstica, maus tratos físicos e emocionais e o abuso de álcool e outras drogas.<sup>16</sup>

Partindo do ponto de vista de González Rey (2004)<sup>19</sup>, “A família é (...) um cenário permanente de produção subjetiva”. Sendo assim, é pertinente a seguinte colocação:

Esta produção, contudo, dá-se não de maneira determinista e linear, mas numa ótica da complexidade que considera a subjetividade como algo contraditório, complementar, multidimensional, processual, recursivo e dinâmico. Logo, de acordo com esta visão a subjetividade foge ao reducionismo, à compreensão determinista e linear, àquelas que a consideram equivalente ao psicológico e a qualquer compreensão que a relacione somente ao processo individual que exclua o social, pois, ao contrário, ela se constitui numa articulação constante entre o individual e o social.<sup>20</sup>

A adolescência é um período marcado por emoções intensas, durante o qual o indivíduo procura consolidar sua própria identidade. Uma das primeiras manifestações desse processo é o distanciamento da família de origem e uma maior aproximação com grupos de identificação. Esse distanciamento dos pais, em algumas situações, pode se manifestar de forma conflituosa, sendo visto como rebeldia, mesmo na ausência de motivos aparentes para tal comportamento.<sup>21</sup> Posto isto, os autores citam um trecho da obra *Rebelde Sem Causa*, do compositor e vocalista Roger Moreira, da banda brasileira de rock Ultraje a Rigor:

Meus dois pais me compreendem totalmente (como é que cê se sente, desabafa aqui com a gente). Meus dois pais me dão apoio moral (não dá pra ser legal, só pode ficar mal). (...) Não vai dar, assim não vai dar, como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar. Não vai dar, assim não vai dar, pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar.<sup>22</sup>

Ainda, sobre essa perspectiva trabalhada pelos autores a respeito do trecho citado acima, sugerem que o compositor estaria expressando a busca de diferenciação característica desse período. Deste modo, mesmo em famílias de classe média onde exista boa comunicação e compreensão por parte dos pais, este comportamento desafiador do jovem é uma parte natural do desenvolvimento de sua identidade. Logo, essa regulação neste

processo implicaria reestruturar a dinâmica familiar para ter suas fronteiras mais flexíveis, sem que a autoridade dos pais fosse prejudicada.<sup>21</sup>

De acordo com Bock (2007)<sup>23</sup>, a relação entre os jovens e os adultos é muitas vezes vista como uma luta, difícil e conflituosa, isso porque enquanto o adolescente busca a liberdade, os pais querem manter o controle sobre os mesmos. Além do mais, os gostos, desejos, vontades, regras, ou seja, toda a realidade se apresenta como diferente entre o seio familiar e os adolescentes, que é inerente ao seu desenvolvimento, se opõe ao que é estabelecido para eles. Portanto, os filhos adolescentes terminam por serem responsáveis por estas tensões, o que prejudica a construção do vínculo deles com sua família.

Para que o diálogo seja mantido nessa relação, é necessário que a barreira do medo da fase desconhecida ou de não estarem mais no controle, seja rompida pelos indivíduos que exercem o papel de autoridade deste adolescente. Sendo assim, ao longo da infância é esperado que os responsáveis protejam e cuidem do sujeito, de forma que supram suas necessidades. No entanto, quando ele cresce e se torna adolescente, ao buscar sua autonomia e conseqüentemente o distanciamento para reafirmar sua identidade, gera naqueles que estão no exercício desse papel de cuidado um sofrimento e dificuldade de aceitar esse novo ser adolescente.<sup>11</sup>

Zanella (2013)<sup>24</sup>, menciona duas atitudes frequentemente tomadas pelos pais de adolescentes diante dessa etapa de desenvolvimento, que podem ser entendidas como agentes de interferência nesse vínculo parental. Sendo a primeira, um excessivo controle do filho, devido a insegurança e aquilo que o filho vem se tornando, assim acabam por se sentirem impotentes frente a esta realidade. A segunda, seria uma postura de abandono ou indiferença, ao negarem sua responsabilidade, pois, encontram dificuldades ao acompanhar esses sujeitos em suas novas experiências.

Portanto, os pais frequentemente enfrentam desafios ao reconhecer que à medida em que seus filhos crescem, suas necessidades se tornam mais intrincadas, necessitando de uma abordagem diferente em comparação com a infância. O que os adolescentes veem como autorregulação pode ser interpretado pelos pais como rebeldia e desobediência. Autorregulação orgânica muitas vezes se manifesta de maneira pouco saudável através de obstáculos na comunicação.<sup>25</sup>

### 2.3 DEPENDÊNCIA FAMILIAR NA ADOLESCÊNCIA

A unidade familiar, em especial aqueles que ocupam a figura dos pais, é percebida

pelos filhos como um porto-seguro, um refúgio, já que é através do apoio, da orientação e da estrutura fornecida pela família que os adolescentes vão desenvolver sua personalidade, moldar seu caráter e internalizar seus valores. Por esse motivo, é essencial que essa estrutura familiar seja adaptativa e equilibrada, pois ela estará influenciando no desenvolvimento deste adolescente.<sup>26</sup>

Vivenciar o processo de crescimento e amadurecimento em um contexto de convivência saudável, com atitudes de carinho e atenção, é crucial para que crianças possam se desenvolver com uma determinada segurança e equilíbrio em suas relações. Com isso, as figuras de cuidado para estes indivíduos, quando proporcionam atitudes adequadas neste meio, como afeto, estabilidade e proteção, passa a ocorrer um impacto substancial nos aspectos de estabilidade emocional, trazendo à tona uma perspectiva adaptativa na estruturação familiar.<sup>27</sup>

Em contrapartida, a condução do processo familiar pode ser atravessada a partir de um modo desadaptativo, que ocorre quando há uma carência significativa de cuidados essenciais, onde o sujeito passa a estar exposto a situações de maus-tratos, relacionamentos instáveis durante a infância, práticas essas, que podem acarretar em ameaças ao desenvolvimento, levando à formação de crenças desadaptativas e estabelecendo vínculos de apego inseguro durante a vida.<sup>28</sup>

Assim, quando se fala em dependência emocional, as pesquisas em sua maioria estão voltadas para sua existência em relações amorosas, além de, abordar como um transtorno. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V<sup>29</sup>, o transtorno de personalidade dependente, tem como característica essencial do diagnóstico, uma necessidade difusa e excessiva de cuidado, que resulta em comportamentos de submissão, apego e temores em relação à separação, tanto em relacionamentos amorosos quanto em relações familiares e de amizade. Salientando que, esse padrão tem seu surgimento no início da fase adulta, estando presente em diversos contextos, por conseguinte, deve-se ter cautela ao utilizar esse diagnóstico em crianças e adolescentes, ou até mesmo não usá-lo, visto que esse comportamento faz parte do desenvolvimento de ambas as fases.

À vista disso, é necessário ressaltar que o presente trabalho não tem como objetivo discorrer a partir de uma perspectiva diagnóstica deste transtorno, pois entende-se que, comportamentos relacionados a dependência afetiva em adolescentes, tema desta pesquisa, não se enquadram como transtorno de personalidade dependente. E sim, perceber como se dá a dependência emocional familiar nos adolescentes e em quais circunstâncias serão afetados

psiquicamente.

Diante disso, Gavazzi (1993)<sup>30</sup> expõe que, os níveis de aceitação das famílias em relação à individualidade e à intimidade de seus filhos estão associados ao futuro ajustamento pessoal dos adolescentes, além de ter uma relação com os indicadores de depressão e ansiedade. Desta forma, quando o controle familiar em relação ao adolescente é exercido em alto grau, a capacidade deste de desenvolver sua individualidade se torna limitada e, conseqüentemente, impede que este consiga lidar adequadamente com os obstáculos da vida. Aliado a isso, a falta de autonomia para poder vivenciar sua própria subjetividade, irá provocar o surgimento de sentimentos como ansiedade e estresse.

Bowen (1991)<sup>31</sup>, fundamenta sua teoria na diferenciação do indivíduo em seu contexto familiar de origem. À vista disso, ele descreve quatro características envolvidas no grau de diferenciação/indiferenciação. São elas: a reatividade emocional (como o sujeito reage à comportamentos intensos de outras pessoas, assim, quanto menos diferenciado, mais sentimentos mobiliza), o posicionamento do eu (refere-se à maneira como o indivíduo reage quando é pressionado por outros a agir ou tomar alguma atitude), a fusão (sujeito ainda muito ligado a sua família de origem) e o desligamento emocional (sujeito se isola, ao experimentar a intimidade como algo ameaçador).

A partir dessa perspectiva de Bowen, Nichols e Schwartz (1998)<sup>32</sup>, percebem que os indivíduos são direcionados por duas forças, a primeira delas é a individualidade, que diz respeito à necessidade que as pessoas têm de preservar sua privacidade e independência em determinados momentos e situações da vida. Já a outra força, é a proximidade, sendo a habilidade de manter suas relações sociais e cultivar novos vínculos com outras pessoas. Quando essas forças estão em equilíbrio, com uma parcela de convivência social e também de autonomia, elas correspondem um funcionamento saudável, sendo no meio familiar onde a pessoa aprende a conciliar essas necessidades.

Os autores ainda colocam que, caso o processo de separação-individuação não seja vivenciado de forma adequada, é provável que o indivíduo esteja emocionalmente fusionado com a sua família de origem. A principal demonstração da falta de diferenciação do self é a falta de autonomia pessoal. Essa ausência de autonomia pode ser percebida na forma como o sujeito encara as situações do dia a dia, um exemplo disso, é quando ele prioriza a opinião de terceiros sobre as decisões que precisa tomar.<sup>32</sup>

A dependência emocional resulta na despersonalização do indivíduo, ou seja, ele pode chegar a perder sua identidade e se transformar, essencialmente, apenas numa extensão do outro. Se essa dependência emocional for recíproca, comum em relações com pares,

como casais, pais-filhos, a dificuldade aumenta. Isso acontece, pois, é como se um fosse o complemento do outro, o que pode ser percebido no seguinte exemplo: quando um sente frio e necessita de ajuda, o outro prontamente está ali para colocar o casaco.<sup>33</sup>

Kerr e Bowen (1998)<sup>34</sup> entendem que, quando os pais transferem aos filhos sua falta de maturidade e de diferenciação expressadas no próprio relacionamento, então, estão em um processo de projeção familiar. Resultando assim, na transmissão de uma ansiedade, ao passar para o filho uma carga emocional de suas frustrações, logo, ao invés de encorajá-lo no seu processo de diferenciação e desenvolvimento pessoal, estará prejudicando-o. Como consequência, o sujeito tende a permanecer em sua fase dependente e desenvolve sinais de imaturidade.

A projeção não é a mesma coisa que “cuidado”, ela se caracteriza por uma preocupação ansiosa, confusa e excessiva em relação a um ou mais filhos. Dessa maneira, o filho escolhido, está sujeito a projeção dos pais, e acaba por torna-se o mais ligado a eles e, como resultado, possuir um baixo nível de diferenciação do self.<sup>35</sup>

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

Essa pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que pode ser conceituada como um método que proporciona a síntese de conhecimento e a integração de resultados de estudos na prática.<sup>36</sup>

Sendo assim, a pesquisa foi realizada através de artigos publicados nos anos de 2008 a 2023, por meio das bases de dados científicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), e operacionalizada através do cruzamento dos descritores “Dependência Emocional”, “Adolescência” “Família” e “Dependência Familiar”, para responder o seguinte questionamento: sob que circunstâncias são causados impactos à saúde mental dos adolescentes resultante da dependência emocional familiar ?. Para conduzir a pesquisas os descritores foram articulados por meio do operador booleano “AND”.

Os critérios de inclusão utilizados foram artigos disponíveis na íntegra, no idioma Português e que estejam de acordo com a temática pesquisada. Em relação aos critérios de exclusão, serão eliminados os artigos encontrados em duplicidade nas bases de dados, estiverem incompletos, monografias, dissertações e teses.

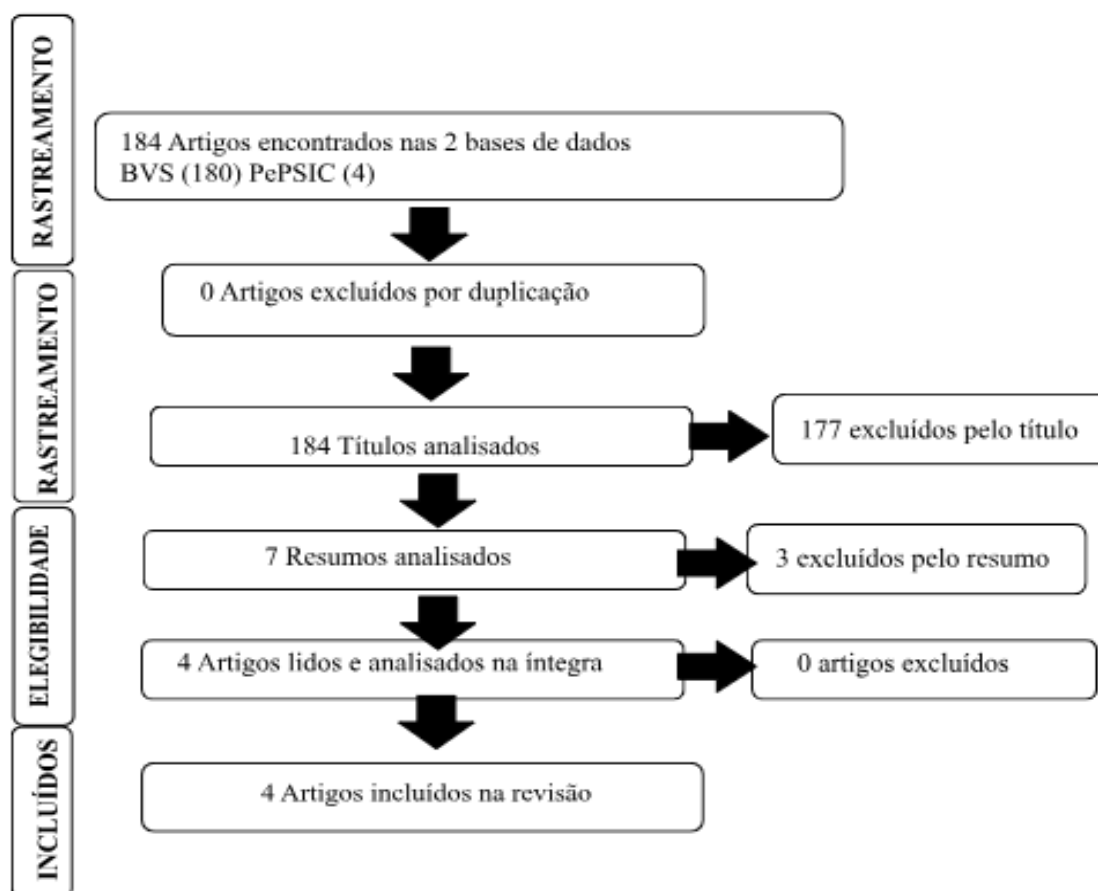
A coleta foi realizada a partir da leitura exploratória dos títulos e resumos, a fim de identificar os materiais relevantes para a pesquisa, seguida da leitura seletiva com propósito

de verificar a pertinência para os objetivos do TCC e a partir disso, haverá o registro das devidas informações extraídas das fontes, como título; Autores; Ano; Palavras-chaves e Resultados, visando a síntese dos conceitos principais dos dados coletados nos artigos escolhidos para a análise.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos cruzamentos dos descritores nas Bases de Dados, foram encontrados 184 Artigos que possuíam afinidade com a temática trabalhada nesta pesquisa, sendo 180 na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e 4 na PePSIC. Destes, todos foram analisados os títulos, já que não houve exclusão por duplicação. 77 títulos foram excluídos, restando 7 resumos a serem lidos. Após a leitura dos resumos, 3 artigos foram excluídos, totalizando 4 trabalhos a serem lidos na íntegra. Os 4 artigos lidos integralmente farão parte desse estudo de revisão. Esses dados podem ser visualizados na Figura 1 abaixo:

**Figura 1:** Fluxograma da Busca de artigos e critérios de seleção



Fonte: Autoria própria (2024)



Dessa maneira, após a leitura dos 4 artigos, elaborou-se duas categorias de análise: Superproteção parental e Os impactos da dependência emocional na saúde mental de adolescentes. As duas categorias nortearão as nossas discussões.

#### 4.1 SUPERPROTEÇÃO PARENTAL

A pesquisa conduzida pelos autores Martins RP, Nunes SAN, Faraco AMX, Manfroi EC, Vieira ML e Rubin KH<sup>37</sup>, com a temática “Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais”, teve como objetivo analisar a correlação entre práticas parentais e o desempenho escolar, bem como as habilidades sociais em pré-adolescentes. Com isso, a proposta da pesquisa convocou um total de 117 cuidadores, incluindo pais, mães e outros responsáveis, além de 5 professoras que também participaram do estudo. Desta forma, 117 pais com crianças de idades variáveis de 10 e 13 anos preencheram o CRPR (Child Rearing Parental Report), um instrumento destinado a avaliar práticas parentais, enquanto 5 professoras completaram o TRS (Teacher Rating Scale), que busca examinar como ocorre o rendimento escolar destas crianças.

À vista disso, buscou-se associar e compreender a respeito de como tem ocorrido a condução do processo de práticas parentais, onde destacaram-se duas dimensões: afeto e controle, cujo foram conectadas com as quatro dimensões relacionadas à conduta, desenvolvimento escolar e habilidades sociais, sendo estas: sociabilidade, problemáticas emocionais, escolares e competência acadêmica. Sendo assim, durante o percurso de análises e avaliações para a coleta de dados da pesquisa, foram apontadas três subdimensões para o domínio parental, como: controle psíquico, comportamental e superproteção<sup>37</sup>.

Assim, as habilidades sociais são definidas a partir da conduta que o indivíduo leva em gerenciar seu leque de competências sociais, que envolvem: autocontrole, habilidades na resolução de problemáticas e empatia, objetivando o alcance de consequências que contribuam significativamente para o próprio sujeito, bem como, para suas relações interpessoais. Por outro lado, a competência acadêmica refere-se à junção de atitudes, comportamentos e capacidades que possibilitam à criança obter um bom funcionamento no contexto escolar frente ao que é esperado dos profissionais. Ainda, os padrões no sistema parental englobam uma série de atitudes e crenças em relação aos filhos que estabelecem um ambiente emocional, com características mais constantes, na dinâmica entre pais e filhos<sup>37</sup>.

Desse modo, com base na pesquisa realizada, percebeu-se que quando o processo de convivência familiar é conduzido a partir de uma prática onde os sujeitos que partilham de um lar que conseguem socializar em seus relacionamentos, diz respeito a um funcionamento onde os pais e responsáveis não recorrem ao controle psicológico em níveis extremos. Posto isso, filhos com maiores habilidades acadêmicas tendem a ter em seu ciclo familiar, pais mais atenciosos e afetuosos, que exercem um estilo autoritativo como mencionam os autores, no qual, seria uma combinação de forma equilibrada entre o afeto e o controle.

O estudo denominado como “ Relações Familiares na Bulimia Nervosa” dos autores Ornelas EDV, Squires C, Barbieri V e Santos MA<sup>38</sup>, objetivou trazer questões voltadas ao funcionamento da dinâmica familiar frente ao diagnóstico do transtorno alimentar classificado como bulimia nervosa e os impactos causados a partir deste. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas envolvendo os componentes presentes no contexto familiar, como, mãe, pai e filha, onde os resultados evidenciaram que o diagnóstico, a sexualidade e as demais escolhas da filha, foram fatores desencadeantes de desestruturação e conflitos recorrentes.

Tendo em vista os eventos traumáticos que impactaram negativamente no processo de desenvolvimento da filha, algo evidente e marcante entre os diálogos diante da vivência das mesmas, foi referente a persistência por parte da mãe em anular a subjetividade da filha, exercendo um determinado controle frente ao que diferenciava-se dos seus ideais. Trazendo à tona uma perspectiva de aceitação ilusória e superficial, visto que até as escolhas da filha serem expostas em diálogos com seus pais, a mesma era relativamente aceita e considerada uma filha perfeita<sup>38</sup>.

Em contrapartida, no que tange a necessidade de desvinculação do que se é proposto no âmbito familiar, atrelado à busca pela autonomia e construção da própria identidade, foi citado a ocorrência de rupturas no relacionamento mãe e filha, tornando-se um agravante perante ao transtorno alimentar, afetando diretamente na saúde psíquica da filha<sup>38</sup>.

Com isso, os autores citam o processo de separação/individuação, no qual se classifica como necessário diante dos diversos cenários e dinâmicas familiares, mas, para alguns sujeitos esse processo é percebido como um lugar de crescimento e amadurecimento para o indivíduo, por outro lado, para alguns membros, esses aspectos podem ser experimentados como algo amedrontador e negativo, resultantes de sensações de vazio ou perda da identidade. Desse modo, visto as duas vertentes apontadas pelos autores, a pesquisa evidencia que a separação/individuação, foi vivenciada no relacionamento filha e mãe, como um processo de sofrimento<sup>38</sup>.

Desta forma, fez-se necessário a compreensão de que situações vividas nesse contexto frente a necessidade de separação e individualidade, foi acometida por uma série de conflitos, visto que os papéis desempenhados por cada membro, e a necessidade de compreender e respeitar as limitações de cada um, não foi colocado em prática e se inseriu em um modelo desadaptativo. Portanto, resultou na impossibilidade dos membros conseguirem de fato, se destacar de forma independente e de acordo com seus próprios desejos e escolhas.

Ao explorar a influência familiar nos indivíduos em seu ambiente, entende-se a importância significativa e de longo prazo dessas influências nas experiências pessoais. Com isso, os pesquisadores Sei MB, Souza CGP, Arruda SLS, ao analisarem “O sintoma da criança e dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil, relataram em seu estudo, que no decorrer das sessões psicoterapêuticas, foi percebido que os sintomas apresentados pela criança, especificamente no que se refere a necessidade de um vínculo contínuo com a figura materna, poderiam de fato, estarem conectados ao contexto familiar, apresentando-se como um reflexo dessa dinâmica. Com isso, foi possível a compreensão de que os sintomas apontados da mãe para a filha, como “rebelde” “terrível” “apegada”, vinculam-se diretamente com a necessidade de ter uma figura de apoio. Ainda, vale ressaltar, que o contexto presente passou a exercer uma influência negativa, visto que a condução deste processo de criação, se deu a partir de uma perspectiva desadaptativa, envolvendo uma série de violências presenciadas pelos filhos no relacionamento conjugal dos pais, fator esse que desencadeou na criança, posturas de comando para com as pessoas a sua volta, tornando-se uma extensão desse contexto<sup>39</sup>.

Outros pesquisadores também conduziram estudos semelhantes, como Camacho e Matos<sup>40</sup>, que, ao investigarem as práticas parentais educativas, a fobia social e o desempenho acadêmico em adolescentes, concluíram que os jovens que recebem autonomia e afeto por parte dos pais tendem a ter um desempenho acadêmico superior e uma menor propensão a apresentar fobia social. Por outro lado, aqueles que são (super)protegidos pelos pais mostram uma tendência a apresentar sintomas de fobia social e um desempenho acadêmico inferior.

Portanto, considerando que a superproteção parental se apresenta a partir de um ciclo familiar com demandas de controle excessivo e uma alta necessidade de proteção, a visão das pesquisadoras consiste em evidenciar que, quando o contexto familiar conduz o seu processo de convivência e criação priorizando um modelo em que favorece um alto índice de domínio do outro, pode acarretar em diversos danos psíquicos, gerando cada vez mais, vivências ansiosas, depressivas, inseguras, frustrantes e sem autonomia, dificultando cada vez mais, as necessidades subjetivas e a construção do autoconceito.

## 4.2 OS IMPACTOS DA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES

O estudo realizado por Ornelas EDV, Squires C, Barbieri V e Santos MA, intitulado como "Relações Familiares na Bulimia Nervosa" teve como objetivo analisar as dinâmicas familiares na perspectiva de uma jovem diagnosticada com bulimia, assim como na de sua mãe e pai. Os três participantes foram entrevistados por meio de uma entrevista semiestruturada. Assim, os dados coletados revelaram que os pais enfrentavam conflitos emocionais no relacionamento, o que dificultava lidar com o transtorno enfrentado pela filha. Segundo a mãe, a dinâmica familiar era considerada perfeita antes do diagnóstico da filha, mas tudo mudou no início da adolescência dela<sup>38</sup>.

Aos 12 anos, quando surgiram os primeiros sintomas, Bruna estava em um relacionamento com sua melhor amiga, sendo caracterizado por um vínculo simbiótico e com limites confusos quanto à indiferenciação entre eu/outro, com quem aprendeu comportamentos alimentares prejudiciais. Também, foi observada diante dos relatos uma relação de dependência entre mãe e filha, no qual, a jovem relatou uma dificuldade de vivenciar sua própria identidade, sentindo-se assim sufocada. A descoberta do relacionamento homoafetivo da filha e dos sintomas da bulimia foi percebida pela mãe como uma quebra de expectativas, levando-a a sofrer intensamente sempre que a filha demonstrava comportamentos considerados inadequados<sup>38</sup>.

O estudo demonstrou as dificuldades enfrentadas pela jovem ao tentar vivenciar uma separação menos conflituosa, expressadas em comportamentos inadequados autodestrutivos, que na maioria das vezes resultava em uma instabilidade em seu peso e comportamentos de compulsão/purgação alimentar. Dessa forma, apesar do presente estudo não abordar com especificidades a respeito das consequências de uma dependência emocional familiar e também se tratar de um caso em específico, é perceptível que o processo de separação e individuação da adolescente foi vivenciado com sofrimento e resistência o que pode ter contribuído para as fragilidades no desenvolvimento da identidade, problemas de saúde e dificuldades nos relacionamentos interpessoais da mesma.

Em outra pesquisa, aqui realizada por Costa LBS, Camino CPS, Silva MFA, Vasconcelos DC, Assis NLP e et al, investigou-se a resolução de conflitos de adolescentes em situações de confronto entre o seu domínio pessoal e o controle parental. Seguindo o pressuposto de que durante a adolescência, os conflitos familiares geram debates sobre o

aumento da autonomia dos adolescentes, onde a dificuldade central é definir o que os pais podem controlar versus o domínio pessoal (DP) do adolescente. Dessa forma, os autores conceituam o domínio pessoal como comportamentos exclusivamente individuais e regras pessoais, como por exemplo escolha de amigos, corte de cabelo e outros. Esses aspectos do DP não são julgados como certos ou errados, mas sim refletem as escolhas e preferências individuais, contribuindo para a formação da identidade pessoal<sup>41</sup>.

Nesse contexto, 36 adolescentes com idades entre 15 e 17 anos, cujos pais eram casados e residiam na mesma casa, foram divididos igualmente conforme o sexo e responderam a uma entrevista semiestruturada, que continha quatro situações de conflito hipotéticas. Os resultados foram agrupados em sete estratégias: Assunção de culpa, Submissão, Mentira, Hostilidade, Diálogo/Explicação, Negociação e Outra. O método de resolução predominante foi o Diálogo/Explicação, considerado como uma abordagem comum para defender o domínio pessoal<sup>41</sup>.

A predominância de respostas da categoria Diálogo/Explicação, observada em todas as situações de conflito, exceto no Dilema da Privacidade, sugere um desenvolvimento positivo da autonomia comportamental entre os adolescentes. Isso está relacionado a uma maior capacidade de autorregulação, que por sua vez está ligada a uma parentalidade de apoio<sup>41</sup>.

Sendo assim, pais que adotam uma abordagem mais explicativa tendem a promover uma dinâmica familiar mais coesa e menos conflituosa, o que facilita aos adolescentes reconhecerem sua privacidade para a tomada de decisões, especialmente em relação ao seu domínio pessoal. Logo, pode ser percebido que caso essas famílias não possuíssem essa dinâmica família funcional, demonstrada na entrevista, é provável que estes adolescentes não apresentariam autonomia comportamental e iriam pontuar para um nível baixo de defesa de DP, o que poderia acabar impactando de forma negativa na saúde mental dos mesmos<sup>41</sup>.

Dando continuidade a esta perspectiva, Baptista e Oliveira<sup>42</sup> estudaram a relação entre sintomas depressivos e apoio familiar em adolescentes. A partir de uma pesquisa eles encontraram algumas respostas, dentre elas a existência de uma correlação positiva entre os sintomas depressivos e a superproteção parental, indicando que o alto índice de sintomas depressivos estavam associados a uma maior superproteção e menor autonomia dos adolescentes. E ainda, uma correlação entre superproteção e indiferença, indicando que quanto mais a superproteção estava associada, mais a indiferença era percebida pelos adolescentes. Por fim, observaram uma correlação positiva entre afeto e independência, mostrando que mais afeto estava relacionado a mais independência familiar concedida aos adolescentes.

Por conseguinte, as autoras do presente trabalho observaram que é possível que uma superproteção familiar excessiva possa conduzir o adolescente a uma falta de autonomia e diferenciação, o que possivelmente estaria contribuindo para uma dependência emocional. Sendo assim, ao mencionar os impactos causados na saúde mental dos adolescentes devido a dependência emocional familiar é provável que os sintomas depressivos também estejam presentes.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A adolescência, classificada como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, é marcada por uma série de desafios como independência dos pais, formação da identidade, mudanças físicas e psicológicas. Durante essa fase, os conflitos entre pais e filhos são comuns devido à busca de autonomia pelos jovens, o que muitas vezes é mal interpretado pelos pais, resultando em dificuldades de comunicação e no desafio de reestruturar a dinâmica familiar para atender às necessidades dos adolescentes. Deste modo, destaca-se que uma estrutura familiar adaptativa e equilibrada é essencial para influenciar positivamente o crescimento dos jovens. Em contrapartida, a dependência emocional quando presente em relações familiares, pode prejudicar o desenvolvimento saudável dos indivíduos, gerando vínculos de apego inseguro e dificultando a diferenciação do self.

Isso posto, com base nos resultados da pesquisa, foi evidenciado que práticas parentais associadas à superproteção e à consequente dependência emocional familiar estão correlacionadas. À vista disso, o objetivo do trabalho de avaliar a dependência emocional familiar e os impactos causados na saúde mental dos adolescentes através de uma revisão de literatura, foi parcialmente alcançado, uma vez que os artigos não ofereceram respostas sólidas quanto ao tema em específico deste estudo. Porém, partindo do ponto de vista das autoras, os resultados corroboram com a hipótese de que existem evidências associadas ao processo de uma estruturação familiar desadaptativa envolvendo a dependência emocional, que atravessa o sujeito e o impacta negativamente na etapa da busca pela independência e autonomia.

Portanto, a importância do estudo para a sociedade consiste em evidenciar cada vez mais a necessidade das famílias adotarem um modelo de cuidado mais equilibrado, exercendo responsabilidades de forma consciente dentro do contexto familiar. Com isso, trazendo para uma perspectiva da área da psicologia enquanto ciência e profissão, a temática exerce um papel fundamental, visto que, a proposta da pesquisa está presente em diversos contextos,

especificamente, no âmbito de trabalho deste profissional, onde o mesmo poderá contribuir significativamente frente a demandas dessa dimensão. Dentre as problemáticas encontradas no processo de construção deste estudo, foi visto que as pesquisas em sua amplitude, não trouxeram especificidades que investigassem diretamente a dependência emocional familiar e seus impactos na saúde mental de adolescentes. Destarte, devido à escassez de materiais recentes no meio científico, a coleta de dados foi realizada com base em poucos artigos disponíveis na íntegra. Com isso, ressalta-se a necessidade de futuros estudos acerca deste tema.

## REFERÊNCIAS

1. BOWEN, M. De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar. In: Schwanke Martini J. DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FAMILIAR: possíveis manifestações nos filhos. Rev. Grad. [Internet]. 2012 [citado 02 de setembro de 2023];5(2). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/12430>.
2. Rogers C. Terapia centrada no cliente. São Paulo: Martins Fontes; 1992. (Publicado em 1951). p. 145-150. Citado em 02 de setembro de 2023. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3245/1/ISBN%20972-8094-74-4%20-%20Terapia%20Centrada%20no%20Cliente%20-%20ebook%202004-01-15.pdf>.
3. Scartezini, LG, Rocha, ACR, & Pires, V. da S. A necessidade de autoestima em Carl Rogers. Revista FAEF. 16. 2013. Citado em: 02 de setembro de 2023. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/hkNYQZ4GFZuVXwL\\_2013-5-13-15-59-41.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/hkNYQZ4GFZuVXwL_2013-5-13-15-59-41.pdf).
4. Andrada, EGC. de; Irigonhe, CAD. Elaboração de escala de diferenciação do eu. In: Schwanke Martini J. Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. Rev. Grad. 2012; 5(2). Citado em 02 de setembro de 2023. Disponível em: <file:///home/lenovo01/Downloads/admin,+19+--+12430+--+Faculdade+de+Psicologia.pdf>.
5. Alves G M. A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. Universidade do Extremo Sul Catarinense; 2008. Citado em 03 de setembro de 2023. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>
6. Bock AM, Furtado O, Teixeira MLT. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva; 2009. p. 116-128. Citado em 03 de setembro de 2023.
7. Pratta EMM, Santos MA dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Psicol Estud. 2007 aMay;12(2):247–56. DOI: 10.1590/S1413-73722007000200005. Citado em 03 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/abstract/?lang=pt#>.

8. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial; 2002. Citado em 03 de outubro de 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).
9. Patias ND, Gabriel MR, Dias ACG. A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. *Estud Pesqui Psicol*. 2013;13(2):586-610. Citado em de 03 de outubro de 2023. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200011).
10. Outeiral JO. *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas. In: Rangel AP, Torman R, Focesi LV. *Adolescência: construindo uma identidade*. RPR [Internet]. 1 de janeiro de 2012 [Citado em 03 de outubro de 2023];1:39-44. DOI:10.25112/rp.v1i0.723 Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/723>.
11. Silva RVB. Os conflitos na fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes. *IGT rede Rio de Janeiro*. 2015;12(22):53-66. Citado em 03 de outubro de 2023. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262015000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100004&lng=pt&tlng=pt).
12. Musito, G. e Cava, MJ. (2001). La familia y la educación. In: Prá DD. *A diversidade na configuração familiar: uma revisão da literatura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia; 2013. Citado em 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
13. Wagner, A. Desafios psicossociais da família contemporânea. In: Prá DD. *A diversidade na configuração familiar: uma revisão da literatura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia; 2013. Citado em 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
14. Azevedo LJC. As transformações da família. *Psicologia.Pt*; 2015; 1-9. Citado em 08 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0934.pdf>.
15. Filipini R. Reconfiguração sociométrica da família na contemporaneidade: os desafios de crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 2009;17(1):35–50. Citado em 08 de outubro de 2023. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v17n1/a04.pdf>.
16. Silva NCB da, Nunes CC, Betti MCM, Rios K de SA. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. *Temas em Psicologia*. 2008;16(2):215–29. Citado em 08 de outubro de 2023. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006).
17. Silva PNL, Dessen MA. Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicol Reflex Crítica*. 2003, 16(3), 503-514. Citado em 08 de outubro de 2023.



Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/xpNwJnCD8QvTP6YS9nCpfmtx/?format=pdf&lang=pt>.

18. Szymanski H. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Estud psicol (Campinas)*. 2004 May;21(2):5–16. Citado em 08 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/GsMP7wfNk5Xc9dsKGQwYCZK/?format=pdf&lang=pt>.

19. González RFL. Personalidade, Saúde e Modo de Vida. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2004. 30 p. In: Beling CA. A família e o sujeito: um processo de construção e influência mútuas. Brasília-DF; 2008. 23 p. Citado em 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2642/2/20409743.pdf>.

20. Beling CA. A família e o sujeito: um processo de construção e influência mútuas. Brasília-DF: Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB; 2008. 23 p. Citado em 12 de outubro de 2023. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2642/2/20409743.pdf>.

21. Wagner A, Falcke D, Silveira LMB de O, Mosmann CP. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicol Estud [Internet]*. 2002 Jan;7(1):75–80. Citado em 12 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/4kFxyB39zhMkgZKq4wg8jLQ/?format=pdf&lang=pt>.

22. Roger M. Rebelde sem causa - Ultraje a Rigor. 1984. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49198/>.

23. Bock AMB. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol Esc Educ*. 2007;11(1). Citado em 12 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/?format=pdf&lang=pt>.

24. Mirabella, AM. Afetividade na adolescência. In: Zanella R, organizators. A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais. São Paulo: Summus; 2013. p. 20-21. Citado em 15 de outubro de 2023. Disponível em:

[https://www.sinopsyseditora.com.br/upload/produtos\\_pdf/660.pdf](https://www.sinopsyseditora.com.br/upload/produtos_pdf/660.pdf).

25. Outeiral, JO. Adolescer: Estudos sobre adolescência. In: Silva RVB. Os conflitos na fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes. IGT rede Rio de Janeiro. 2015;12(22):53-66. 1994. Citado em 15 de outubro de 2023. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262015000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100004).

26. Costa GB, Gimenes LFS. Ansiedade na adolescência: como a convivência familiar contribui no seu desenvolvimento. 6510849104. 2023 Jun 1. Citado em 18 de outubro de 2023. Disponível em: <http://65.108.49.104:80/xmlui/handle/123456789/742>.

27. Wainer R. O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In: Wainer R, et al., organizadores. Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed; 2015. p. 15-26. Citado em 18 de outubro de 2023.

28. Pressi J, FALCKE D. Influência da família de origem nos domínios de esquemas. *Rev Bras Ter Cogn*. 2016;12(2):73-82. DOI: 10.5935/1808-5687.20160013. Citado em 18 de outubro de 2023. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v12n2/v12n2a03.pdf>.
29. Associação Psiquiátrica Americana. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2014. Citado em 18 de outubro. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod\\_resource/content/0/Manual%20Diagnóstico%20Estático%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod_resource/content/0/Manual%20Diagnóstico%20Estático%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf).
30. Gavazzi, SM. The Relation Between Family Differentiation Levels in Families with Adolescent and the Severity of Presenting Problems. In: Baptista MN, Baptista ASD, Dias RR. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicol cienc prof*. 2001 Jun;21(2):52–61. Citado em 18 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/v4F7W7zgPS5G7gyMJBkrbJq/#>.
31. BOWEN, M. De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar. In: Schwanke Martini J. Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. *Rev. Grad.* [Internet]. 23º de outubro de 2012 [citado 02 de setembro de 2023];5(2). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/12430>.
32. Nichols, M.; Schwartz, R. *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed, 1998. 524 p. Citado em 18 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.eecarvalhosenne.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Terapia-Familiar-Conceitos-e-Metodos.pdf>.
33. Riso, W. *Amar ou depender? Traduzido por Marlova Aseff*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010. 166 p. Citado em 18 de outubro de 2024.
34. Kerr, ME, e Bowen, M. Family evolution: An approach based on Bowen theory. In: Martins EMA, Rabinovich EP, SILVA CN. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicol USP*. 2008;19(2):181-197. Citado em: 20 de outubro de 2023. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005).
35. Foley, VD. Introdução à terapia familiar. In: Martins EMA, Rabinovich EP, SILVA CN. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicol USP*. 2008;19(2):181-197. Citado em: 20 de outubro de 2023. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005).
36. Souza MT de, Silva MD da, Carvalho R de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Citado em 20 de outubro de 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.
37. Prado Martins RPM, Adriana Neves Nunes S, Xavier Faraco AM, Cristina Manfroi E, Luís Vieira M, H. Rubin K. Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *PsicolArgum*. 24º de novembro de 2017;32(78). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20469>.

38. Valdanha-Ornelas ÉD, Squires C, Barbieri V, Santos MA dos. RELAÇÕES FAMILIARES NA BULIMIA NERVOSA. *Psicol Estud.* 2021;26:e47361. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.47361>.
39. Sei MB, Souza CGP, Arruda SLS. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. *Vínculo.* 2008 Dec 1;5(2):194–207. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902008000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902008000200009)
40. Camacho I, Matos MG de. Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* . 2007 Dec 1;3(2). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-5687200700020000](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-5687200700020000).
41. Costa LB de S, Camino CP dos S, Vasconcelos DC de, Assis NLP de, Silva MF de A. Resolução de Conflitos Familiares por Adolescentes e Defesa do Domínio Pessoal. *Psicologia: Ciência e Profissão.* 2023;43. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SCyNKTCZcVS8kDjsNnZcNdz/?lang=pt&format=pdf>.
42. Baptista MN, Oliveira AA. Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: um estudo de correlação. *Journal of Human Growth and Development.* 2004 Dec 19;14(3).